

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO TAPADO DA CALDEIRA

Baião

Susana Oliveira Jorge

1. LOCALIZAÇÃO

A estação do Tapado da Caldeira situa-se na periferia sudoeste da serra da Aboboreira (distrito do Porto, concelho de Baião) à cota aproximada de 770 m. Localiza-se num pequeno «plateau» sobranceiro ao vale de um ribeiro que desagua no rio Ovil, entre duas elevações importantes: o Alto da Caldeira (809 m.) (na base da qual se insere) e a do marco geodésico da Serrinha (866 m.).

Esse «plateau», drenado por ribeiros afluentes do que passa por Frogueirão, situa-se numa zona relativamente aberta que, mercê da drenagem convergente de pequenos ribeiros fundamentalmente provenientes da zona superior da serra, e do Alto da Caldeira, funciona como *zona de passagem* ao longo de um eixo SSE-NNO, onde se situam as povoações de Frogueirão, Vilais, Currais e Almofrela. (Est. I, 1 e 2)

Coordenadas geodésicas do local (seg. a «Carta Militar de Portugal», na escala de 1/25 000, folha 125-Baião):

41° 9' 57" Lat. N 1° 4' 47"
Long. E. Lx.

2. A ESCAVAÇÃO

2.1 A área escavada da estação (¹) localiza-se a oriente de um caminho que, vindo do cruzamento onde se encontram os estradões que levam a Vilais e ao «plateau» superior da serra, passa aproximadamente a oeste duma zona murada com pinheiros, e eucaliptos (Tapado da Caldeira) e inflecte depois para leste, na direcção do ribeiro que corre por Frogueirão. (Est. I, 1; Est. II, 1) Esta área, de cerca de 374m², apresentava em toda a sua extensão *uma única camada de terras húmas* (com cerca

(¹) A descoberta da Sepultura I do Tapado da Caldeira foi realizada em 1978 por Vítor Oliveira Jorge e a subsequente escavação processou-se no mesmo ano por uma equipa constituída pela autora, por V. O. Jorge e António A. Bacelar Gonçalves, tendo o resultado dos trabalhos sido publicados no n.º 34 dos «Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa», em 1978, sob o título *Fossas abertas no saibro, do concelho de Baião: I — Bouça do Frade e Tapado da Caldeira*. Em 1979 e 1980 as escavações prosseguiram sob direcção da autora, tendo o estudo da sepultura II sido publicado em 1980 no n.º 41 dos «Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa», sob o título *A Sepultura II do Tapado da Caldeira (Concelho de Baião)*.

de 50/60 cm. na sua maior espessura), que variava em compactidade, textura e cor, no sentido da profundidade, sendo decomponível nos seguintes «estratos»: — 1A — terras húmosas acastanhadas com abundantes raízes (cerca de 25 cm.); — 1B — terras húmosas castanho-acinzentadas (cerca de 25 cm.); — 1C — terras acinzentadas saibrosas compactas (cerca de 10 cm.).

A decapagem em área e peneiração das terras superficiais revelou que a totalidade do material arqueológico inserido nas mesmas se concentrava, predominantemente, no *sector sul da estação* (Est. II, 2), abrangendo uma zona que haveria de incluir, no decorrer da escavação, uma das sepulturas abertas no saibro (a sepultura II). Este facto permite pressupor a hipótese duma *exclusividade parcial* da área com vestígios de ocupação relativamente à zona escavada da necrópole de sepulturas abertas no saibro.

A análise do material arqueológico relacionado com os «estratos» anteriormente referidos conduz-nos às seguintes conclusões:

— 1A-98 fragmentos cerâmicos de pequenas dimensões: 67 de superfícies alisadas (destaque-se um fragmento com cordão); 28 de superfícies polidas (4 fragmentos de cerâmica campaniforme, 1 fragmento com cordão); 3 de superfícies rugosas. Ainda neste «estrato» superficial foram descobertas 4 lascas residuais de quartzo e uma raspadeira atípica de quartzo.

— 1B -157 fragmentos cerâmicos de pequenas dimensões: 144 de superfícies alisadas (saliente-se 3 fragmentos do mesmo vaso, decorado com punccionamentos e perfil acampanulado, 1 fragmento decorado com incisões, 2 fragmentos com cordões, 1 bordo de um pequeno vaso com carena); 8 de superfícies polidas (2 bordos de vasos campaniformes, 1 fragmento com incisões e um fundo com «omphalus»); 1 com vestígios de brunidura; 3 de superfícies rugosas. Foram ainda detectadas 6 lascas residuais de quartzo e uma raspadeira de sílex. Deste «estrato» provém também «um fragmento de entrenó bolbiforme de *Arrhenatherum elatius* var», (segundo o Engenheiro A. R. Pinto da Silva da Estação Agronómica Nacional).

— 1C-89 fragmentos cerâmicos de pequenas dimensões: 58 de superfícies alisadas (3 asas, 5 fragmentos com cordões e 1 fundo plano); 17 de superfícies polidas; 2 de superfícies brunidas (1 bordo com decoração espatulada); 12 de superfícies rugosas. Foram ainda descobertas 2 lascas residuais de quartzo e 1 lâmina retocada de sílex.

Sem prejuízo de um estudo mais pormenorizado que ocorrerá no capítulo dedicado à análise do material, podemos desde já constatar o seguinte:

— os três «estratos» revelam remeximentos profundos, pela mistura de material arqueológico de tipologias diferentes em todas as profundidades, sobretudo no sector sul da área escavada;

— é de acentuar, no entanto, que a cerâmica decorada (polida ou simplesmente alisada), nomeadamente a que apresenta técnica e motivos campaniformes ou de tradição campaniforme, só ocorre nos dois primeiros «estratos» (IA e 1B), misturada com outros fragmentos cerâmicos que, como se verá, apontam para uma fase cronológica mais tardia;

— o «estrato» 1C revela um conjunto cerâmico mais homogéneo, constituído por cerâmicas predominantemente lisas (com abundantes fragmentos polidos e dois brunidos), onde ocorrem 3 asas de secção sub-

-elíptica e 5 fragmentos de cordões sobre a pança, além de um vaso brunido com decoração espatulada, elementos que, no seu conjunto, indicam vestígios de ocupação da Idade do Bronze;

— o material cerâmico referido (quer a cerâmica decorada campaniforme, quer a cerâmica predominantemente lisa, polida ou brunida) ocorre quase exclusivamente no sector sul da estação (Est. II, 2); nas restantes áreas, a cerâmica é incaracterística (se exceptuarmos um bordo polido reentrante no B4), muito fragmentada, aparecendo em pequena quantidade.

No quadrado F4, no «estrato» 1B, inserido numa «bolsa» de terra castanha escura muito humosa, apareceu, a cerca de 15/20 cm. da superfície, um vaso, certamente partido no local, totalmente reconstituível (Est. V) ⁽²⁾. Trata-se de um vaso liso, de superfície polida, pança muito acentuada e colo estrangulado. De salientar a posição estratigráfica deste elemento: sobre uma sepultura (III) aberta no saibro.

2.2 Ao nível do saibro de base foram descobertas cinco estruturas escavadas no saibro, em torno de um afloramento (4 *sepulturas* sub-rectangulares e uma *fossa* de planta e perfil irregulares, em cujo topo se encontrava uma *lareira*), além de um «solo» de terra batida pouco espesso sobre o saibro e, no A5, uma grande concentração de carvão e cinza, também sobre o saibro (Est. III e IV).

As *sepulturas* I, II e III têm uma planta sub-rectangular e fundo aproximadamente plano. A sepultura IV, de muito menores dimensões, apresenta uma planta sub-elíptica e também fundo plano (Est. III e VI) ⁽³⁾.

O enchimento das 4 sepulturas era sensivelmente idêntico: um só estrato de terra acastanhada compacta, absolutamente estéril, misturado, nas sepulturas II e III, com importantes infiltrações laterais de saibro (Est. V). Apenas a sepultura I revelou grande abundância de carvões em todo o conteúdo ⁽⁴⁾. Quaisquer que tenham sido as condições que presidiram ao enchimento das mesmas, não parece ter havido violações posteriores, o que se verifica pela existência, em cada uma das sepulturas, quer de um vaso inteiro (sepulturas II e IV), quer de um vaso fragmentado «in situ» e totalmente reconstituível (sepulturas I e III), colocados em cada uma das extremidades (três deles a poucos centímetros do fundo e um outro, o da sep. IV, colocado à superfície) (Est. III, IV, V, VII, VIII, 1 e 2).

A *fossa* apresentava um enchimento de terra acastanhada compacta, que forneceu a uma profundidade de cerca de 1,20 m. (relativamente ao ponto 0 da estação) e junto ao fundo, dois pequenos fragmentos

⁽²⁾ Um fragmento da asa foi descoberto no quadrado A4, no «estrato» 1B.

⁽³⁾ As dimensões das sepulturas são as seguintes: sep. I: comp. máx. -179 cm; larg. máx. -82 cm; alt. máx. -35 cm; sep. II: comp. máx. -312 cm; larg. máx. -115 cm; alt. máx. -50 cm; sep. III: comp. máx. -290 cm; larg. máx. 112 cm; alt. máx. -40 cm; sep. IV: comp. máx. -132 cm; larg. máx. -72 cm; alt. máx. -13 cm.

Respectivas direcções: sep. I: E/O; sep. II: ENE/OSO; sep. III: ESE/ONO; sep. IV: NNE/SSO.

Os perfis das sepulturas I e II foram publicados nos trabalhos citados em 1).

⁽⁴⁾ Foi recolhida uma amostra de *carvões* desta sepultura, que se encontra a ser analisada, com vista à obtenção de uma datação absoluta pelo C14, no Laboratório de C14 do Instituto de Pré e Proto-história da Universidade de Colónia; também desta sepultura foi analisado um *excremento*, inserido no enchimento, que se revelou ser de «... *gamo ou corço ou, menos provavelmente de cabra brava ou doméstica...*», segundo o Engenheiro A. R. Pinto da Silva da Estação Agronómica Nacional.

cerâmicos de superfície alisada: um deles, de pasta e superfícies avermelhadas, era decorado com um sulco rectilíneo de pouca profundidade.

No topo desta *fossa*, na sua extremidade oeste, encostada a um afloramento, foi detectada uma *lareira*, a poucos centímetros de profundidade do solo actual, naquela área, de planta semi-circular, constituída por pequenas pedras de granito da região (uma delas polida-possível fragmento de elemento móvel de moinho manual) e abundantes carvões. (Est. III, IV, V, VIII, 3).

O «*solo*» de terra batida, acima mencionado, também detectado a poucos cm. de profundidade, alongado no sentido NE-SO, com cerca de 2 a 4 cm. de espessura, assente sobre o saibro de base, era constituído por uma terra estéril acinzentada-saibrosa, compacta (com a mesma textura do «estrato» 1C), apresentando uma leve depressão central, no sentido do comprimento, o que nos conduziu a pensar que se tratava de um antigo caminho. Contudo, uma vez que se encontra intersectado pela *fossa*, cuja associação com a *lareira* parece evidente, é mais provável que esteja funcionalmente relacionado com estas estruturas. (Est. III e IV).

Finalmente, no A5, no fundo do «estrato» 1C, praticamente em contacto com o saibro, (numa zona topograficamente irregular, não sabemos se intencionalmente escavada, para formar côncavos), surgiu uma *enorme quantidade de fragmentos de carvão e cinzas* (cerca de 1,5 m. de comprimento e 40 cm. de largura) (Est. III e IV), junto aos quais foi descoberta, no B5, e no mesmo estrato, uma lâmina de sílex muito retocada, terminando em ponta (Est. XVI, 2, 2). Supomos tratar-se de uma *fogueira não estruturada*, cujo uso terá sido curto.

2.3 Uma breve reflexão sobre a articulação dos «estratos» com o material arqueológico inserido nos mesmos, e com as estruturas ao nível do saibro, conduz-nos às seguintes conclusões:

— *Sobre as estruturas detectadas existe uma só camada humosa* (com diferenças de compacticidade, textura, cor e espessura) que é susceptível de se diferenciar «estratos» 1A-1B-1C. Nessa camada humosa, onde existe misturado material de diversos tipos, apenas foi detectado *um elemento «in situ»: o vaso do F4*, inserido numa «bolsa» de terra castanha escura, muito humosa, *sobre a sepultura III*, genericamente integrável no «estrato» 1B. E, pois, possível estabelecer uma sucessão estratigráfica relativamente à estrutura que se encontra imediatamente por baixo, a sepultura III: o vaso foi colocado no local após o fecho daquela sepultura e após uma sedimentação que permitiu a constituição, sobre aquela, dos «estratos» 1C e 1B. Esta sucessão, que pode ter sido cronologicamente curta, não inviabiliza a hipótese de os dois elementos (vaso e sepultura) se integrarem no mesmo mundo cultural, ainda que a forma geral do vaso pareça apontar para um momento tardio da Idade do Bronze ou inícios da Idade do Ferro. (Est. V).

Na camada humosa referida que recobre a necrópole, misturados com vários tipos de cerâmicas, ocorrem alguns fragmentos campaniformes ou de tradição campaniforme, que parecem indicar uma possível anterioridade de ocupação do local, relativamente à necrópole.

— Além do vaso do F4, *os outros elementos conservados «in situ» encontram-se todos no mesmo plano de base*: 4 sepulturas abertas no saibro; uma *fossa* aberta no saibro; uma *lareira estruturada* com pedras, sobre a *fossa* também ao nível do saibro; um «solo» de terra batida, e uma concentração de carvões e cinzas sobre o saibro.

Dada a forma geral das *sepulturas* e o tipo de enchimento, a sua localização topográfica em volta de um afloramento granítico e a própria

tipologia dos vasos nelas inseridos, pensamos poder afirmar a sua *contemporaneidade* adentro do mesmo «horizonte» da Idade do Bronze Final.

— Contudo, dado que não há na zona abarcada pela escavação, uma sequência estratigráfica verdadeiramente arqueológica, não é possível relacionar em termos cronológico-culturais, as restantes estruturas com a necrópole.

No entanto, uma vez que aquelas estruturas (à excepção da *fossa*) estão em contacto directo com a base do mesmo «estrato» em que foi encontrado o vaso (no interior da «bolsa»), numa área com uma pequena espessura de terra humosa, cerca de 25 cm., é possível pôr a hipótese de uma eventual relação de todos estes elementos entre si. Relação que não significa uma estrita simultaneidade de função, mas tão só uma ampla contemporaneidade de uso adentro do mesmo mundo cultural. Fica, assim, em aberto, o problema da relação estrutural dos elementos descritos com a área sepulcral. No entanto, é de assinalar que as referidas estruturas ocorrem precisamente na zona da necrópole onde não existe praticamente material nos «estratos» superiores, ou seja, onde não houve remeximentos, nem vestígios de ocupação.

— Importa também salientar que a terra que constitui o *enchimento das sepulturas se revelou inteiramente estéril*, o que sugere a possibilidade da mesma provir dum local periférico relativamente à área em causa, onde não haveria vestígios de povoamento. Por outro lado, não há, na zona da estação, vestígios da totalidade do *saibro resultante da escavação das sepulturas e da fossa*, o que indicará que aquele terá sido, pelo menos parte, transportado para longe da área sepulcral.

— Estamos, assim, perante as seguintes linhas de força:

- há vestígios, ainda que parcos, de povoamento campaniforme ou de tradição campaniforme numa área bem delimitada da estação (sector sul quadrados —I1/I4/J5/L3/M3/M4);

- as quatro sepulturas pertencentes a uma necrópole do final da Idade do Bronze inserem-se numa área predominantemente periférica relativamente à zona onde se verificam vestígios, quer dum povoamento campaniforme, quer dum povoamento eventualmente posterior;

- outras estruturas inseridas na área na necrópole (lareira, carvões no A5, vaso no interior numa «bolsa» de terra muito humosa no F4) podem ser contemporâneas entre si e, dado que a situação estratigráfica do vaso o parece indicar, posteriores ao fecho das sepulturas.

Estas não são mais do que simples hipóteses de trabalho, a testar futuramente no decurso do alargamento substancial da área de escavações.

3. ANÁLISE DO MATERIAL

3.1 *O material cerâmico dos «estratos» superiores da estação*

Total — 343 fragmentos cerâmicos, na sua maior parte, de pequenas dimensões: 90% apresenta uma pasta de textura compacta e 10% de textura friável, (e.n.p. de calibre médio, normalmente grãos de quartzo e elementos micáceos). O tratamento das superfícies divide-se nas seguintes categorias:

—	superfícies rugosas	—18
—	»	alisadas —269
—	»	polidas —53
—	»	brunidas —3

Tipos de bordos A — bordo extrovertido com estrangulamento no colo (Est. IX, 6; Est. XIV, 1) B — bordo extrovertido direito (Est. X, 1 e 2; Est. XIV, 4). C — bordo levemente reentrante de extremidade aplanada (Est. IX, 5) D — bordo reentrante de extremidade afilada (Est. XIV, 2) E — bordo levemente reentrante, direito, biselado internamente (Est. XII, 1)

Tipos de fundos A — pequeno fundo com depressão central — «omphalus» (Est. X, 7) B — base plana em continuidade com o corpo do vaso (Est. X, 6) C — base plana em descontinuidade com o corpo do vaso (Est. XV, 5)

Tipo de asa A — preensão horizontal, secção sub-elíptica (Est. XV, 6; Est. XVI, 1 e 2)

Tipos de decoração A — decoração plástica-cordões sobre a pança do vaso (Est. IX, 7; Est. XV, 1, 2, 3) B — decoração plástica-pequena aresta formando uma carena (Est. X, 3) C — decoração incisa (Est. X, 4, 5; Est. XII, 3; Est. XIV, 1, 3) D — decoração a punção (Est. XII, 1) E — decoração incisa e a punção (Est. XII, 2) F — decoração incisa espatulada (Est. XIV, 4) G — Decoração impressa (Est. IX, 1, 2; Est. X, 2) H — decoração impressa e a punção (Est. X, 1)

SUPERFÍCIE	BORDO				FUNDO			ASA	DECORAÇÃO							
	A	B	C	E	A	B	C	A	A	B	C	D	E	F	G	H
Brunida 3	1	1												1	1	
Polida 53	2	2	1			1					5					1
Alisada 269	3	1	1	1	1		1	3	6	1	3	1	1			
Rugosa 18																
TOTAL 343	6	4	1	1	1	1	1	3	6	1	8	1	1	1	1	1

— *O grupo de vasos campaniformes*

I — *técnica de incisão*: fragmento de pança de um vaso de pasta com e.n.p. de quartzo de pequeno calibre e elementos micáceos muito finos; textura compacta; vestígios de polimento na face interior; face exterior muito corroída. Cor das faces interior e exterior castanho-escuro. A superfície exterior é decorada com linhas paralelas alternando com linhas em zig-zag (I4 — «estrato» IA). (Est. IX, 3; Est. XI). Dois outros fragmentos decorados com linhas paralelas poderiam pertencer ao mesmo vaso (Est. IX, 8; Est. X, 4).

II — A — *técnica de impressão com matriz de extremidade quadrangular*: fragmento de colo de vaso (perto da pança), de pasta idêntica à do anterior; superfícies muito corroídas; cor castanho-clara; superfície exterior decorada com linhas horizontais paralelas (I4 — «estrato» IA) (Est. IX, 2; Est. XI, 1).

B — *técnica de impressão com matriz de extremidade quadrangular e puncionamento*: fragmento de bordo extrovertido direito de extremidade aplanada (pasta igual à dos anteriores): superfícies com vestígios de polimento, de cor castanho-escuro; decoração mista, constituída por impressão com matriz de extremidades quadrangulares e puncionamentos sub-circulares; organização decorativa: uma linha em zig-zag seguida de três linhas paralelas ao bordo (matriz) alternando com linhas oblíquas feitas a punção (M4 — «estrato» 1B) (Est. X, 1; Est. XI, 2).

III — *técnica de impressão pouco funda com matriz denteada*: — fragmento de bordo extrovertido direito de extremidade aplanada (pasta igual à dos anteriores); superfície com vestígios de polimento de cor castanho-escuro; decoração — uma linha paralela ao bordo (M3 — «estrato» 1B) (Est. X, 2; Est. XI, 3); — fragmento de pança (pasta igual à dos anteriores); superfície muito corroída, de cor castanho-escuro; decoração — linhas paralelas alternando com um espaço reservado (J5 — «estrato» 1A) (Est. IX, 1; Est. XI, 4).

IV — *técnica de puncionamento*: — 3 fragmentos de um vaso de forma acampanulada, pasta de textura friável com e.n.p. de quartzo de médio calibre; superfícies muito corroídas (com vestígios de polimento) de cor acastanhada; decoração — bandas horizontais preenchidas por linhas oblíquas alternando com espaços reservados (L3/II — «estrato» 1B) (Est. XII, 1).

— Além deste grupo de vasos cerâmicos campaniformes, extremamente interessantes, sobre o qual faremos algumas considerações no final deste estudo, é possível individualizar os seguintes tipos cerâmicos:

- um fragmento de bordo extrovertido direito, de extremidade aplanada, de um vaso de pasta compacta e superfícies brunidas, de cor cinzento-escuro cuja decoração apresenta *caneluras espatuladas verticais*, paralelas entre si (H1 — «estrato» 1C) (Est. XIV, 4).

- um fragmento de bordo extrovertido direito, com uma carena marcada por uma ténue aresta, de superfícies muito corroídas (G 2 — «estrato» 1B) (Est. X, 3).

-um pequeno fundo, de superfícies alisadas, de cor acinzentada, com «omphalus», (H1 - «estrato» 1B) (Est. X, 7).

Além do fundo, que é frequente ocorrer, quer em vasos campaniformes, quer em formas cerâmicas do Bronze, os outros dois fragmentos integram-se com facilidade na ambiência do Bronze Final. O mesmo se poderá dizer, ainda que sob a forma de hipótese, do conjunto de fragmentos com cordão sobre a pança e o das asas de secção sub-elíptica, cuja tentativa de integração cronológica e cultural faremos no final deste estudo.

3.2 *O material lítico dos «estratos» superiores da estação*

- 18 lascas residuais de quartzo
- 1 raspadeira espessa pouco típica de quartzo
- 1 raspadeira redonda de sílex (H5, «estrato» 1B) (Est. XVI, 2,1)
- 1 lâmina retocada terminando em ponta de sílex (B5, «estrato» 1C) (Est. XVI, 2, 2)
- 2 elementos móveis de moinhos manuais de granito

3.3 *O vaso do F4*

Recipiente muito fechado, pança globular, acentuado estrangulamento no colo, bordo levemente extrovertido de extremidade arredondada, fundo plano. Apresenta uma pequena asa lateral, de preensão horizontal, abaixo do bordo, de secção sub-elíptica. A pasta é compacta com desengordurante constituído por pequenos grãos de quartzo e elementos micáceos. A superfície interior e exterior revela nítidos vestígios de polimento e a cor é castanho-escuro com manchas negras. É um vaso de fabrico manual. (Est. XIII)

3.4 *Os vasos cerâmicos provenientes das sepulturas*

O vaso da sepultura I (Est. XVII, 1) foi encontrado na extremidade este, a cerca de 5 cm. do fundo, deitado de lado, com a boca voltada a NO. Estava cheio com o mesmo tipo de sedimento que o cobria. Trata-se de um recipiente aberto, de forma aproximadamente tronco-cónica, com uma carena alta e fundo plano. Apresenta uma pequena pega longitudinal, aplicada na superfície exterior do vaso, entre o bordo e a carena. A pasta é friável, com um desengordurante constituído por grãos de quartzo de pequeno pequeno e médio calibre e elementos micáceos. A superfície interior é alisada e a exterior polida, de cor cinzenta escura, com manchas negras. É um vaso de feitura manual.

O vaso da sepultura II (Est. XVII, 2) apareceu na sua extremidade OSO, a cerca de 2 cm. do fundo, colocado de pé. O seu conteúdo era constituído por um areão saibroso semelhante ao que completamente o cobria, resultante de infiltrações de saibro que se dispunham ao longo de um dos lados maiores da sepultura (o lado SE) e se concentrava em grande abundância até à base na extremidade OSO. É um vaso aberto, com uma forma entre o sub-cilíndrico e o tronco-cónico, de perfil sinuoso, bordo horizontal estreito e fundo plano-côncavo, com uma asa de preensão horizontal inserida abaixo do bordo, de secção-retangular. Tem treze pequenos mamilos, aproximadamente circulares, de extremidade arredondada, abaixo do bordo, e, na parte média, três cordões lisos horizontais, pouco espessos. A pasta é friável, com desengordurante constituído por grãos de quartzo de pequeno e médio calibre, e elementos micáceos. A superfície interior e exterior apresenta vestígios de polimento e a cor é beije com manchas

negras. Mostra aderências de matérias orgânicas carbonizadas na superfície exterior, perto do bordo e na pança. É um vaso de fabrico manual.

O *vaso da sepultura III* (Est. XVIII, XIX) foi descoberto na sua extremidade ESE, a cerca de 4 cm. do fundo, colocado de pé. O seu conteúdo era constituído pelo mesmo tipo de sedimentos que o cobria, estando o vaso fragmentado e deformado pelo peso dos mesmos. Trata-se dum vaso aberto de fundo plano, aproximando-se, genericamente, do grupo dos vasos tronco-cónicos com carena, ainda que o perfil, muito sinuoso, reflecta o carácter pouco marcado daquela. A sua decoração clássica associa a excisão, a técnica de Boquique e a incisão. O bordo, na sua face interior, tem uma decoração incisa constituída por uma linha em zig-zag. Exteriormente, contornando-o, verifica-se uma linha constituída por losângulos excisos. Sobre a parte média e a cerca de 2,7 cm. do bordo, a seguir a uma linha incisa paralela àquele, desenham-se triângulos irregulares, definidos igualmente por uma linha incisa e decorados alternadamente com espaços vazios e linhas horizontais com técnica de Boquique. Esta decoração irradiante em torno do pequeno fundo, sugere uma estrela de 7 pontas, constituídas pelos triângulos não decorados. O vaso apresenta ainda entre o bordo e a pança, no espaço reservado, quatro perfurações circulares e vestígios de duas outras, evidentes sinais de colocação de «grampos» para conserto de fracturas do vaso, contemporâneas do seu uso. A pasta é muito homogénea, com desengordurante finíssimo, constituído por abundantes elementos micáceos. As superfícies interior e exterior são extraordinariamente polidas (à excepção da superfície interior junto ao fundo, simplesmente alisada). A cor das superfícies varia entre o castanho claro e o castanho escuro, com abundantes manchas negras provenientes do tipo de cozedura. É um vaso de fabrico manual.

Finalmente, o *vaso da sepultura IV* (Est. XXII) foi encontrado na sua extremidade NNE, a cerca de 6 cm. do fundo, colocado levemente deitado, com a boca aproximadamente para este. Ao contrário dos outros vasos, este não se encontrava depositado no fundo, mas à superfície da sepultura, de cuja parte superior se destacava em cerca de 6 cm. num dos lados; no seu interior apresentava o mesmo tipo de sedimento que o envolvia.

Acentue-se as seguintes diferenças relativamente às sepulturas anteriores: dimensões reduzidas da sepultura e do vaso; situação do recipiente à superfície e não no fundo.

Trata-se de um pequeno vaso de perfil levemente sinuoso, com a pança pronunciada e o fundo, de pequeno diâmetro, plano. Apresenta uma pequena asa de preensão horizontal que sai directamente do bordo para a pança, de secção sub-rectangular. A pasta é friável, constituída por elementos de quartzo de pequeno e médio calibre e elementos micáceos, sendo as superfícies simplesmente alisadas, de cor castanho-escuro, com abundantes manchas negras provenientes da cozedura. É um vaso de fabrico manual.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 A descoberta de um vaso com decoração Boquique e excisa na sepultura III da necrópole do Tapado da Caldeira sugere-nos *algumas considerações gerais sobre a ambiência cultural em que o mesmo se integra.*

4.1.1 A cerâmica com decoração Boquique (referimo-nos não só ao puncionamento clássico de «punto en raya», mas também a outros

motivos sistematizados por Maluquer de Motes em 1956 ⁽⁵⁾) ocorre quer isoladamente, quer associada a cerâmica com decoração excisa, na mesma estação e até no mesmo vaso, numa ampla área que tem a sua região nuclear (em termos de densidade de estações) na Meseta Norte (Est. XXI, 2). Nesta região, e seguindo a divisão geral de Almagro-Gorbea ⁽⁶⁾, destacam-se vários núcleos geográficos, entre os quais é de salientar pela sua importância o do *Sistema Central da Meseta*. Aqui são famosos os povoados com condições naturais de defesa como o Cerro del Berrueco (Salamanca) ⁽⁷⁾, o de Las Cogotas (Ávila) ⁽⁸⁾ e o de Sanchorreja (Ávila) ⁽⁹⁾, sendo corrente, desde Cabré Aguilló (1930), incluir o conjunto de povoados que integram a cerâmica Boquique e excisa, adentro da «cultura de Cogotas I», situável na Idade do Bronze da Meseta. Neste núcleo, Almagro-Gorbea insere também a gruta de Boquique (Cáceres), «...por su proximidad geográfica e ambiente cultural, aunque ofrezca particularidades evidentes.» ⁽¹⁰⁾. Um segundo núcleo estender-se-á pelas planícies do *Douro médio e seus afluentes*, integrando quer cerros com condições naturais de defesa (Castillo del Carpio, Salamanca), quer estações em campo aberto sem preocupações defensivas evidentes (El Pino de Tormes, Salamanca, Las Carretas, El Rabiao, Zamora, San Pedro Regalado, Valladolid, entre vários) ⁽¹¹⁾, onde foram detectados o que os seus descobridores designam normalmente por «silos-basureros» e «fondos de cabana». Um terceiro núcleo tem a sua expressão nos terraços do *rio Manzanares e outros afluentes da bacia média do Tejo*, onde também são conhecidas estações no alto de cerros com «fundos de cabanas» (Ecce Homo, Alcalá), ou em locais, relativamente abertos, como Cerro de la Cervera em Mejorada del Campo (Madrid) ⁽¹²⁾, La Torrecilla (Madrid) ⁽¹³⁾, ou nos «areneros» do vale do Manzanares ⁽¹⁴⁾.

Almagro-Gorbea refere-se ainda a zonas, fora da Meseta, onde ocorreu este tipo de cerâmicas: na *região basca*, na província de Ávila e no vale do *Ebro*, regiões que terão sofrido uma penetração através da Meseta; no *Levante e na Andaluzia*: aqui são importantes povoados como Cerro de la Encina (Monachil, Granada), Cuesta del Negro (Purullena,

⁽⁵⁾ J. Maluquer de Motes, La técnica de incrustación de Boquique y la dualidad de tradiciones cerámicas en la Meseta durante la Edad del Hierro, *Zephyrus*, 7, 1956.

⁽⁶⁾ Martín Almagro-Gorbea, *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, B P H, XIV, Madrid, 1977.

⁽⁷⁾ P. César Morán *Excavaciones arqueológicas en el cerro del Berrueco*, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, Madrid, 1924; Maluquer de Motes, *Excavaciones arqueológicas en el cerro del Berrueco (Salamanca)*, Actas Salmanticensis, XIV, Salamanca, 1958.

⁽⁸⁾ Juan Cabré Aguilló, *Excavaciones de las Cogotas-Cardenosa (Ávila)*, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, Madrid, 1930.

⁽⁹⁾ J. Maluquer de Motes, *El castro de los Castillejos en Sanchorreja*, Ávila, 1958.

⁽¹⁰⁾ v. nota 6, p. 110.

⁽¹¹⁾ Ricardo Martín Valls y Germán Delibes de Castro, Recientes hallazgos cerámicos de la fase Cogotas I en la Provincia de Salamanca, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, t. 39, 1973, pp. 395 e p. 396.

⁽¹²⁾ M.^a Dolores Asquerino, Prospecciones en Mejorada del Campo, *NAH*, 9, 1980.

⁽¹³⁾ M.^a Luisa Cerdén e outros, El yacimiento de la Edad del Bronce de «La Torrecilla» (Getafe, Madrid), *NAH*, 9, 1980.

⁽¹⁴⁾ J. Pérez Barradas, Nuevos estudios sobre Prehistoria madrileña. I. La colección Bento. *Anuário de Prehistoria Madrileña*, XV, V, VI, 1933-35.

Granada), El Ofício e Fuente Álamo (Almeria), Carmona (Sevilha), entre tantos outros, onde a cerâmica Boquique se encontra perfeitamente estratigrafada e para a qual se possuem abundantes datações absolutas pelo C14.

Esta cerâmica encontra-se dispersa, assim, numa área extensa da Península, ocorrendo quer em povoados com defesas naturais, quer em zonas relativamente planas, onde foram descobertas *estruturas* indubitavelmente relacionadas com áreas de habitação, mas cuja função e significado cultural permanecem ainda ocultos. M.^a Isabel Martínez Navarrete ⁽¹⁵⁾, num interessante trabalho adverte para a confusão terminológica, habitual em estudos recentes, relativa a designações como «siló», «basurero», «cenicero», «fondo de cabana», que reflectem a disparidade de opiniões quanto à função destas estruturas e, por outro lado, são fruto duma visão parcelar decorrente de escavações limitadas, onde não foi determinada toda a extensão habitacional e se torna impossível compreender a lógica de associação de todos os elementos entre si ⁽¹⁶⁾.

Como haveremos de verificar, esta *diversidade de habitat* poderá estar relacionada com dois factores inter-actantes: o amplo âmbito cronológico do uso da cerâmica Boquique e excisa e a diversidade regional de formas de povoamento e cultura material dos seus fabricantes.

Quanto ao tipo de sepulturas e rito funerário que acompanha a «faciés» de Cogotas I na Meseta, verificamos uma enorme falta de dados. Delibes de Castro resumiu em 1978 ⁽¹⁷⁾ o que até àquela data se sabia sobre o assunto: eram conhecidos fragmentos cerâmicos com decoração Boquique e excisa em *dólmenes* da região de Zamora (Almeida de Sayago, Brime de Urz e Granucillo) ⁽¹⁸⁾, sugerindo inumações secundárias; em *grutas* da região oriental da Meseta, na província de Burgos, acompanhando ossos humanos ⁽¹⁹⁾; numa *cista* em Renedo de Esgueva (Valladolid), sem laje de cobertura e com «tumulus», cujo único espólio era constituído por um fragmento de vaso com cinco linhas curvas com técnica de Boquique, tratando-se possivelmente de uma inumação individual ⁽²⁰⁾; numa *fossa* em San Roman de Hornija (Valladolid), aberta em argilas, cascalheira e areias, com 3 esqueletos inumados sob um lajeado de pedras e espólio de vários teor, cuja datação pelo C14 (de fragmentos de tíbia e peróneo de um dos esqueletos) deu 870 a.C. ⁽²¹⁾, e num outro tipo de

⁽¹⁵⁾ M.^a Isabel M. Navarrete, El yacimiento de «La Esgaravita» (Alcalá de Henares, Madrid) y la cuestión de los llamados «fondos de cabana» del valle del Manzanares, *TP*, 36, Madrid, 1979, p. 102.

⁽¹⁶⁾ Estruturas em «fossa», possíveis elementos singulares de áreas habitacionais mais amplas, ocorrem frequentemente em toda a Meseta e Noroeste Peninsular. Estão inseridas em povoados de diversos tipos, desde a época campaniforme até ao Bronze Final, apresentando uma curiosa morfologia comum: planta normalmente subelíptica ou ovóide, perfil ovóide, fundo plano ou côncavo, (v. As fossas ovóides abertas no sabro do concelho de Baião (distrito do Porto), e o seu significado no contexto da Arqueologia do Norte da Península Ibérica, por Vítor Oliveira Jorge e outros, *Actos do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Guimarães, 1980).

⁽¹⁷⁾ German Delibes de Castro, Una inhumacion triple de facies Cogotas I en San Román de Hornija, *TB*, 1978.

⁽¹⁸⁾ C. Morán, Excavaciones en dólmenes de Salamanca y Zamora, *Mem. JSTA*, n.º 135, Madrid, 1935, cit. nota 17), p.238.

⁽¹⁹⁾ V. nota 17, p.238.

⁽²⁰⁾ Wattenberg, P., Hallazgos arqueológicos en Renedo de Esgueva, *BSAA*; XXIII; 1957, cit. nota 17), p.237.

⁽²¹⁾ V. nota 17.

fossa (semelhante à de San Román) na Meseta sul ⁽²²⁾, com um só indivíduo inumado e cujo espólio consistia num vaso hemisférico feito à mão, duas pontas de lança de bronze e dois prismas de quartzo, datado pelo C14 de 1100 a.C.

San Román de Hornija merece uma referência especial, porquanto a *fossa* onde foram descobertos os esqueletos se encontrava integrada numa estação de «habitat» implantada num terraço da margem direita do Douro, num local com vestígios de estruturas — «hoyos» ou «silos», para empregar as expressões do autor — preenchidas com restos de cinzas, fragmentos cerâmicos, vestígios de fauna, punções em osso, etc. Foram também descobertas na área três pequenas lareiras delimitadas com pedras calcinadas. Uma dessas lareiras encontrava-se perto da *fossa* de enterramento e foi datada pelo C14 de 1010 a.C. Temos assim a confirmação da posterioridade do enterramento relativamente à lareira. A *fossa* aberta durante o tempo de utilização de «habitat» (foram encontrados fragmentos cerâmicos no interior da *fossa* com decoração Boquique e excisa pertencentes a vasos descobertos na zona do povoado), foi posteriormente utilizada como local de inumação colectiva simultânea de três esqueletos. O próprio autor chama a atenção para o carácter excepcional deste enterramento, quer pela morfologia da sepultura («silo» reutilizado), quer pelo arcaísmo do rito de tumulação-inumação colectiva. Sobre o lajeado que cobria o fundo da *fossa* e os esqueletos inumados apareceu uma fíbula de cotovelo — tipo ria de Huelva — que constitui um elemento de aproximação de todo o complexo com a ambiência cultural do Sudeste e região andaluza.

Apesar da pobre informação ao nosso dispor, podemos, no entanto, verificar duas linhas de força: — constância do *rito de inumação* em todos os túmulos em que foi descoberta cerâmica Boquique e excisa: — *diversidade tipológica dos mesmos*. Estas constatações, conjuntamente com a já notada diversidade de tipos de «habitat», vêm confirmar o carácter marcadamente regional dos diversos grupos fabricantes da referida cerâmica.

4.1.2 Desde o estudo de Maluquer de Motes (1956) sobre a cerâmica Boquique ⁽²³⁾, que esta passou a integrar-se numa *forma consistente* no mundo do Bronze Final dos «castros» da Meseta, na *tradição do campaniforme de tipo Cienpozuelos*.

Actualmente, muitos autores continuam a sustentar esta mesma posição, ainda que, à luz de novos dados, ela tenha vindo a ser enriquecida pelas inúmeras hipóteses de relação geográfica e cronológico-cultural com o mundo do Bronze tardio e final do Sudeste.

Efectivamente, é na *Meseta* que existe maior número e variedade de estações que se integram na chamada «cultura de Cogotas I». Por outro lado, é possível, através duma análise tipológica relacionar formas e motivos decorativos de cerâmica Boquique e/ou excisa com tipos campaniformes tardios da Meseta. R. M. Valls e G. D. Castro ensaiaram, por exemplo, essa relação tipológica no estudo dum *vaso de Los Villares, em Pinilla de Toro (Zamora)* ⁽²⁴⁾, cuja decoração (motivos e organização decorativa) e forma geral, os autores aproximam das existentes em cam-

⁽²²⁾ M. Almagro - Gorbea, Nuevas fechas para la prehistoria y la arqueología peninsular, *TP*, 32, 1975.

⁽²³⁾ V. nota 5.

⁽²⁴⁾ R. M. Valia y G. D. de Castro, Sobre la cerámica de la fase Cogotas I, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, t. 42, 1976.

paniformes da Meseta, ainda que acrescentem: «Si, como se ha destacado, desde el punto de vista decorativo, la pieza está intimamente emparentada con la cerámica de Ciempozuelos, el perfil recuerda en gran manera a los denominados cuencos parabolicos, propios de un momento antiguo del Argar B, que se fecha entre el 1500 y el 1200 antes de J.C.» (p. 11).

A cronologia inicial para este tipo de vasos (na tradição campaniforme), estará obviamente dependente da obtenção de dados estratigráficos e datações absolutas que situem, por um lado, o Campaniforme tardio, e, por outro, o início de Cogotas I, sendo de conceber (dada a aparente continuidade entre um horizonte e outro), um momento de contacto ou mesmo de contemporaneidade.

Por ora, possuímos, apenas escassas datações absolutas para níveis isolados de Cogotas I na Meseta, onde só recentemente começam a ser detectadas sequências estratigráficas entre o campaniforme local e a cerâmica Boquique⁽²⁵⁾. Eis algumas dessas datações :

- San Román de Hornija (Valladolid) — 1010 a.C.
- 870 a.C.
- Sepultura em *fossa* — Meseta Sul — 1100 a. C.
- Estação de Ecce Homo (Alcalá de Henares) — 1150 a.C.
- 1070 a.C.
- 1070 a.C.
- 1040 a.C.

— Povoados de Sanchorreja, El Berrueco, Las Cogotas, apresentam possíveis cronologias finais adentro dos séculos VII/VI a.C.⁽²⁶⁾.

Parece, assim, que a cerâmica Boquique e/ou excisa terá tido um longo período de desenvolvimento nesta área da Península, arrancando num período indefinido do campaniforme tardio da Meseta, afirmando-se, dos séculos XIII ao IX a.C, e contactando, na sua fase terminal, com populações da Idade do Ferro (séculos VII/VI a.C.⁽²⁷⁾).

Por outro lado, hoje tende-se a não separar neste percurso, a técnica de Boquique e a técnica de excisão, para alguns autores igualmente derivada do campaniforme da Meseta e tão antiga quanto o próprio horizonte de Cogotas I⁽²⁸⁾.

4.1.3 Contudo, se é na Meseta que possuímos maior número e variedade de estações com cerâmica Boquique e/ou excisa, e, se é possível

⁽²⁵⁾ M. D. Fernández-Posse, Informe de la Primera Campana (1977) en la cueva de Arevalillo (Segovia), *NAH*, 6, 1979. Em Arevalillo foi determinada a seguinte sequência estratigráfica: 1 — nível com cerâmica campaniforme tardia; 2 — nível com cerâmica campaniforme, e Boquique de feição local, juntamente com vasos lisos carenados e decorações plásticas; 3 — nível revolvido com cerâmica romana e cerâmica Boquique (linhas curvilíneas) do tipo da que ocorre na Meseta Ocidental.

É atribuída ao nível 2 a aproximada cronologia de 1500/1300 a.C. Esta sequência, ainda que de valor puramente local, vem confirmar o carácter indígena da cerâmica Boquique e a sua alta cronologia na fase inicial.

⁽²⁶⁾ V. nota 6.

⁽²⁷⁾ Valls e D. Castro chamam a atenção para a existência de perfis «halstáticos» em cerâmicas tipo Oogotas I, na sua fase terminal, assim como de motivos decorativos que preludiam os de Cogotas II (v. nota 24).

⁽²⁸⁾ Fernando Molina e Oswaldo Arteaga, Problemática y diferenciación en grupos de la cerámica con decoración excisa en la Península Ibérica, *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, I, 1976.

filiá-la ainda que indirectamente no campaniforme local, não se pode ignorar o facto de o *Sudeste* apresentar um conjunto de estações onde foi possível isolar níveis da «fácies» Cogotas I, em perfeita continuidade com níveis anteriores argáricos, datados os primeiros, no seu conjunto, dos séculos XII/X a.C.

Das várias estações do Levante citadas em 4.1, detenhamo-nos em dois povoados da região de Granada: *Cuesta del Negro* (Purullena), e *Cerro de la Encina* (Monachil). No primeiro, Cuesta del Negro, ⁽²⁹⁾ foi detectada a sucessão de duas fases culturais: uma fase argárica (Argar B) e uma segunda fase (séc. XI a.C.) caracterizada «... por las construcciones con paredes e zócalos de piedra, rectos, ausencia total de enterramientos y la gran proporción de la cerámica decorada con técnicas tan representativas como la excisión y el boquique.» (p. 54). Esta fase corresponderia, segundo Molina González e Pareja López, a uma intrusão, proveniente da Meseta, de populações estranhas ao mundo cultural do Levante. Acompanhando a cerâmica decorada, ocorreram vasos lisos, polidos ou brunidos, predominantemente carenados (sendo comum a carena alta e o fundo plano),

Em Cerro de la Encina ⁽³⁰⁾, a fase argárica é desdobrada em duas etapas: uma etapa antiga (Argar B) e uma etapa posterior (1200-1000 a.C.) correspondente ao que os seus autores designam por *Argar B pleno*. A fase pós-argárica (para Arribas Palau e seus colab.) corresponderá «... a un cambio total en los sistemas de construcción y en la economía misma del poblado.» (p. 148). Contudo, os próprios autores reconhecem que as transformações verificadas ao nível do material cerâmico apenas deixam entrever «novas rotas de comércio» e não modificações étnicas profundas.

Num recente estudo sobre a estação de *Fuente Álamo* (Almeria) ⁽³¹⁾, O. Arteaga e H. Schubart estabelecem uma periodização para o Bronze não só da estação como do Sudeste em geral. Esta periodização baseia-se na detecção de níveis bem estratigrafados pós-argáricos com cerâmicas do tipo Cogotas I. Até ao presente havia uma indefinição quando diversos autores se referiam ao Bronze C, Bronze III, Bronze Tardio ou Bronze Final, indefinição não só cronológica, mas também cultural. Arteaga e Schubart definem claramente um Bronze Tardio (C) em Fuente Álamo (com inícios no séc. XI a.C), onde incluem vasos carenados de bordo vertical (carena média ou alta), vasos de colo marcado e corpo globular, alguns decorados com técnica de Boquique e excisa, impressões e incisões. Este Bronze C estará para os autores, materializado noutras estações do Levante: na fase II (Argar B pleno seg. M. G. e P. L.) de Cerro de la Encina; nos níveis superiores de Cuesta del Negro e em Cabezo Redondo (Villena). Um Bronze Final (D) estará representado na fase III de Cerro de la Encina («fuentes» carenadas, por vezes decoradas com motivos geométricos pintados); em Cerro del Real (Galera, Granada), Parazuelos (Múrcia), El Macalón (Nerpio, Albacete), Los Saladares (Alicante) (pp. 276, 277 e 278),

Esta periodização vem acompanhada de uma clara intenção de estabelecer uma *perfeita continuidade cultural entre os níveis argáricos e*

⁽²⁹⁾ Fernando Molina González e Enrique Pareja López, Excavaciones en la Cuesta del Negro (Purullena, Granada), *EAE*, 86, 1975.

⁽³⁰⁾ Antoónio Arribas Palau e outros, Excavaciones en el poblado de la Edad del Bronce «Cerro de la Encina» Monachil (Granada), *EAE*, 81, 1974.

⁽³¹⁾ Oswaldo Arteaga e Hermanfrid Schubart, Fuente Álamo. Excavaciones de 1977 *NAH*, 9, 1980.

os pós-argáricos do Sudeste. Posição que atenua sensivelmente a hipótese anteriormente expressa pelos autores que estudaram Cuesta del Negro e mesmo Cerro de la Encina, de que os níveis com cerâmica Boquique e excisa revelariam intrusões ou contactos comerciais esporádicos com populações estranhas ao mundo do Levante.

Dizem os autores do estudo sobre Fuente Álamo: «Esta evidência de la continuada utilización de estructuras arquitectónicas del Bronce Medio durante el Bronce Tardío puede sumarse a otras que muestran igualmente que las culturas regionales de Andalucía Oriental y del Sudeste, si no también en el área del llamado Bronce Valenciano, seguían conociendo no pocas concomitancias derivadas de las manifestaciones culturales anteriores.

«En el Cerro de la Encina (Monachil) se conocen, por ejemplo, algunos hallazgos que se polarizan hacia el Bronce Tardío (fase II a), aun cuando todavía parecen hallarse asociados con elementos propios de El Argar B (cuencos parabólicos, copas, etc.)» (p. 274).

Já em 1975, H. Schubart, ⁽³²⁾ referindo-se à cronologia da cerâmica pós-argárica, dizia: «A esta cerámica de la Edad del Bronce tardía pertenecen platos con la carena alta, a veces con una asa de listón horizontal; vasos decorados que recuerdan en su técnica la cerámica de Boquique, tanto en las líneas de punto y raya, como, sobre todo, en su decoración a modo de guirnalda. La ocupación de los lugares de El Argar en el Sudeste de la Península Ibérica no se interrumpe, por tanto, después de la fase de El Argar B sino que se continúa más bien hasta dentro de la Edad del Bronce tardía, y la investigación de los próximos años conseguirá, sin duda, definir con más claridad esta fase C de la Edad del Bronce del Sudeste.» (p. 90) ⁽³³⁾.

Por outro lado, quer em estações do Sudeste, quer noutras estações da Península, a cerâmica Boquique e excisa tem vindo a aparecer associada, na mesma estação e níveis, a *cerâmica brunida*, elemento, como se sabe, típico do Bronze meridional peninsular. Cuesta del Negro é uma estação exemplar neste sentido: são frequentes os vasos brunidos de carena média e alta e os globulares com estrangulamento no colo.

Outra estação exemplar é a própria gruta de Boquique (Cáceres), cujos materiais até àquela data inéditos foram estudados em 1972 por M.^a Cleofé Rivero Higuera ⁽³⁴⁾: em condições que a autora julga poder associar à cerâmica decorada, terão coexistido vasos de cerâmica fina brunida, lisa, espatulada ou pintada. Destaquem-se os recipientes brunidos, lisos, de carena pouco acentuada, bordo quase direito ou pouco extrovertido, com «omphalus» na base. (Ob. cit. Figs. 15,16,17,18). Esta associação de dois tipos de cerâmicas na mesma estação e a ponderação sobre as datas

⁽³²⁾ Hermanfrid Schubart, Cronología relativa de la cerámica sepulcral en la cultura de El Argar, *TB*, 32, Madrid, 1975.

⁽³³⁾ Recentemente, G. López Monteagudo (Consideraciones sobre la cerámica de Boquique, *Archivo Español de Arqueología*, 52, 1979) atribui a H. Schubart a «origem da decoração Boquique-el punto en raya-en la cerámica de El Argar». (p. 21). Pensamos que essa posição não se encontra explicitada, pelo menos, dessa forma, nos trabalhos recentes de H. Schubart. O que este autor afirma é a continuidade cultural entre níveis argáricos e níveis do Bronze Tardío. Continuidade estratigráfica, por um lado, e continuidade de alguns aspectos da vida material, o que implica necessariamente uma perfeita assimilação por parte de populações pós-argáricas de manifestações culturais anteriores.

⁽³⁴⁾ M.^a Cleofé Rivero de la Huiguera, Materiales inéditos de la cueva de Boquique. Datos para una Nueva Sistematización de la Edad del Bronce en Extremadura, *Zephyrus*, XXIII-XXIV, 1972/73.

altas existentes no Sudeste para níveis de tipo Cogotas I, determinou que Rivero Higuera deslocasse para o Sudeste o centro de origem das cerâmicas com técnica de Boquique: «... las cerâmicas del grupo Boquique, en este yacimiento, talvez, no sean autóctonas (...), sino que procedan de Andalucía junto con la bruñida y pintada.» (p. 128). «Por todo lo expuesto creemos que los materiales de la cueva de Boquique deben considerarse como pertenecientes al Bronce Final e valorarse culturalmente de influência tartésica, que (...) viene a confirmar una vez más las relaciones que existían entre Extremadura (y a través de ella de la Meseta Norte) y Andalucía en el Bronce III — Primera Edad del Hierro.» (pp. 128/129).

Sem comentar, por ora, a posição de R. Huiguera, vale a pena recordar que, na Meseta, na região de Zamora, se tem vindo a encontrar semelhanças entre perfis de cerâmica tipo Cogotas I e perfis de vasos brunidos meridionais ⁽³⁵⁾.

Enfim, se considerarmos, como López Roa ⁽³⁶⁾, que a decoração brunida do SO terá origem na decoração campaniforme, ou como H. Schubart ⁽³⁷⁾, que entre os dois tipos de cerâmica (com decoração brunida e campaniforme) existem «... ciertas analogias que talvez están relacionadas con formas intermedias aún desconocidas.» (pág. 23 da Sep.), facilmente se chega à conclusão de que entre a cerâmica brunida e a cerâmica Boquique existem *relações* cuja especificidade, no entanto, está por determinar.

Aliás, *esta relação com a ambiência cultural meridional* está igualmente patente em perfis cerâmicos de tipo argárico existentes na Meseta com decoração Boquique e/ou excisa ⁽³⁸⁾; no próprio tipo de enterramento em «poço» de San Román de Hornija, que, segundo Delibes de Castro, terá influências argáricas; na associação com um elemento tipicamente mediterrânico — a fíbula de cotovelo, tipo ria de Huelva — que ocorre, quer em San Román de Hornija, quer noutras estações da Meseta Norte ⁽³⁹⁾.

Esta tentativa de construção de linhas de força sobre a ambiência cultural que integra a cerâmica Boquique, conduz-nos à hipótese de, numa época recuada (sécs. XIV-XIII a.C?) e descolando possivelmente de horizontes campaniformes tardios, se terem desenvolvido na Península grupos culturais que fabricavam tipos cerâmicos diversos, mas todos derivados dessa raiz comum. A capacidade de contacto e de *expansão* destes grupos deve ter sido grande, pois só assim se justifica que, em épocas relativamente recuadas, fórmulas cerâmicas semelhantes ou idênticas estivessem espalhadas de norte a sul da Península, ainda que inseridas em contextos culturais diversos.

Consideramos, no entanto, dados os conhecimentos actuais, não se poder estabelecer uma conclusão segura sobre a filiação, à escala peninsular, da cerâmica Boquique e excisa, dependendo essa conclusão, em grande medida, de um melhor conhecimento do Bronce do Noroeste e da Meseta.

⁽³⁵⁾ R. M. Valia y G. D. Castro, Hallazgos arqueológicos en la Provincia de Zamora (VI), *BSAA*, 45, 1979.

⁽³⁶⁾ C. López, Roa, La ceramica con decoración bruñida en el SO peninsular, *TP*, 34, 1977.

⁽³⁷⁾ A. Schubart, Acerca de la ceramica del bronce tardio en el sur y oeste peninsular, *TB*, 28, 1971.

⁽³⁸⁾ v. nota 24.

⁽³⁹⁾ v. nota 17.

4.2 *A estação de Tapado da Caldeira — integração cronológico-cultural*

4.2.1 *A necrópole do Tapado da Caldeira* apresenta-nos um tipo inédito de sepulturas, possivelmente de inumação, no conjunto das conhecidas na pré-história final do Noroeste e Norte da Meseta (verifica-se a ausência de carvões em quantidade em três dos sepulcros e de cinzas em todos eles e a forma geral e dimensões sugerem a deposição de um indivíduo). Graças ao aparecimento, numa das sepulturas, de um vaso inteiro com técnica de Boquique e excisa (com paralelos inequívocos em Las Cogotas e nos «areneros» dos arredores de Madrid), podemos relacionar a referida necrópole com a «fácies» de Cogotas I, nos seus prolongamentos mais ocidentais, através do vale do Douro e seus afluentes.

Contudo, o espólio cerâmico funerário das restantes sepulturas revela uma heterogeneidade estilística, naturalmente resultante do cruzamento de diversas influências que interessa especificar:

— A influência do *Noroeste Peninsular* manifesta-se de forma inequívoca no vaso da sepultura II. O estudo comparado desse vaso e de outros que ocorrem nesta área da Península, foi objecto de um trabalho específico⁽⁴⁰⁾ no qual se tentaram definir algumas linhas de força:

- a forma tronco-cónica simples ou sub-cilíndrica, o bordo horizontal (estreito, médio ou largo), a asa lateral de secção sub-rectangular, a decoração mamilar, são atributos frequentes que surgem, quer isoladamente, quer associados, em vasos provenientes de estações muito diversas: monumentos megalíticos, cistas, fossas ovóides abertas no saibro;

- essa diversidade de estações poderá estar relacionada com o longo percurso cronológico-cultural destes vasos, desde uma fase de feição megalítica até ao Bronze final, durante o qual se deram mutações morfológicas, adentro do mesmo padrão estilístico geral⁽⁴¹⁾;

- contudo, este vaso apresenta um cuidado tratamento das superfícies e conjuga, ao nível formal, dois elementos inovadores — os cordões sobre a parte média e uma fiada de pequenos mamilos imediatamente sob o bordo;

- no conjunto, e apenas atendendo às características formais, este vaso insere-se, pois, adentro o que nós podemos, cautelarmente, designar por Bronze Final do Noroeste, o que está de acordo com a cronologia geral proposta para a necrópole-

— A influência meridional ocorre numa forma que podíamos considerar *esbatida*, ou assimilada por tradições locais. De facto, até ao momento, não apareceu, em nenhuma sepultura, um recipiente brunido

⁽⁴⁰⁾ Susana O. Jorge, A sepultura II do Tapado da Caldeira...

⁽⁴¹⁾ Os vasos tronco-cónicos estão presentes em túmulos megalíticos da Beira Alta, nomeadamente na Orca do Tanque (Vila Nova de Paiva), nas Orcas de Forles (Sátão) e dos Juncas (V.ª N.ª Paiva) e Carapito III (Aguiar da Beira) e em monumentos megalíticos do Noroeste.

Podemos admitir, como hipótese, que este tipo de vasos teria uma origem bem antiga, que arrancaria do fenómeno megalítico, e teria perdurado, com algumas transformações morfológicas, até à Idade do Bronze. Durante este período estariam presentes em aparentes megalitos tardios (caso da recente descoberta de um vaso tronco-cónico com mamilos, largo bordo oblíquo e asa lateral, numa estrutura «secundária» da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, na Serra da Aboboreira, objecto dum trabalho publicado neste volume).

liso ou decorado pelo que temos de nos basear exclusivamente no perfil do vaso da sepultura I e na forma geral do vaso da sepultura IV.

-O vaso da sepultura I, de indiscutível feitura local, é um recipiente aberto com *carena alta e bordo levemente extrovertido*, de fundo plano. A forma geral pode integrar-se no conjunto das cerâmicas do Bronze Tardio da região do Tejo (Ribatejo e Estremadura) ⁽⁴²⁾. Essas cerâmicas, predominantemente carenadas (com múltiplas variantes), apresentam superfícies alisadas, polidas ou brunidas, com ou sem decoração brunida. Do ponto de vista estritamente formal, o vaso da sep. I evoca uma forma intermédia entre o tipo 8A e o tipo 8B da controversa «cultura de Alpiarça», definida por G. Marques e M. Andrade ⁽⁴³⁾. Registe-se que este tipo de cerâmicas ocorrem também noutras *áreas do centro e norte do país*, como em *Eira-Pedrinha* (Condeixa), *Baiões* (S. Pedro do Sul), *Roriz* (Barcelos), *Facha* (Viana do Castelo) ⁽⁴⁴⁾. Na região do Sudeste, em níveis pós-argáricos, é frequente ocorrer, como já foi escrito, cerâmica polida ou brunida carenada, como acontece em Cuesta del Negro. Aí, dá-se mesmo a associação, nos mesmos níveis, de vasos lisos carenados e recipientes de diferentes tipologias com decoração Boquique e excisa, ou mesmo de vasos carenados com decoração Boquique e excisa ⁽⁴⁵⁾.

-O pequeno vaso da sepultura IV, também de aspecto grosseiro e perfil pouco característico, com uma pequena asa saindo do bordo, e fundo plano pouco acentuado, evoca, ainda que remotamente, tipos cerâmicos da chamada «cultura de Alpiarça», nomeadamente o tipo 4C com asa ⁽⁴⁶⁾. A «carena», no vaso do T. da Caldeira, não existe, sendo substituída por uma inflexão ténue na pança, e a asa é muito pequena. Na Beira Alta, no castro de Baiões (S. Pedro do Sul) ⁽⁴⁷⁾ ocorre uma forma de superfícies brunidas com asa e esboço de carena, que, pelas suas dimensões e perfil se aproxima do vaso que estudamos ⁽⁴⁸⁾.

— A influência da *Meseta* encontra-se bem representada no vaso da sepultura HL Morfológicamente este aproxima-se do grupo de vasos «tronco-cónicos com carena alta e bordo ligeiramente aberto» ⁽⁴⁹⁾.

⁽⁴²⁾ V. nota 37.

⁽⁴³⁾ Gustavo Marques e M. Andrade, Aspectos da proto-história do território português. I - Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro), *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, 1974. A coerência do conceito de «cultura de Alpiarça» tem sido recentemente contestada em trabalhos como de Clara Vaz Pinto e Rui Parreira, Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do estuário do Tejo, «Actas das III Jornadas Arqueológicas», 1978, ou o de José Morais Arnaud, Corôa do Frade, Fortificação do Bronze Final dos Arredores de Évora — Escavações de 1971/1972, *Madriider Mitteilungen* 20, 1979.

⁽⁴⁴⁾ Sondagens nos castros de Abade do Neiva e Roriz (Barcelos, 1978), por C. A. Brochado de Almeida e Maria Teresa C. M. Soeiro, in *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. II, Guimarães, 1980. Relativamente à estação da Facha, trata-se duma informação oral de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que agradecemos.

⁽⁴⁵⁾ v. nota 29, por ex. fig. 30; fig. 53; fig. 89, n.º 392.

⁽⁴⁶⁾ v. nota 43.

⁽⁴⁷⁾ Celso Tavares da Silva, O Castro de Baiões (S. Pedro do Sul), *Beira Alta*, 1979, estampa XI; Philine Kalb, Senhora da Guia, Baiões, Die ausgrabung 1977 auf einer hohensiedlung der atlantischen bronzezeit in Portugal, *Madriider Mitteilungen* 19, 1978, p. 115, Fig. 2, n.º 5.

⁽⁴⁸⁾ No castro de Baiões (op. cit.) foi datada uma ponta de lança — 2650 + 130 a. P., ou seja, 700 + 130 a.C.,—cuja datação, em princípio, está em sintonia com o estrato que forneceu todo o material da I. do Bronze da estação.

⁽⁴⁹⁾ V. nota 29, p. 48.

Contudo, exprime uma variante deste tipo de recipientes, porquanto não existe carena, mas tão só um esboço da mesma, na parte média do vaso, de que resulta um perfil muito sinuoso.

Em termos estritamente morfológicos, o vaso da sep. III tem paralelos remotos na Meseta, num vaso do fundo de uma habitação do povoado de Cogotas II (Ávila) ⁽³⁰⁾ (Est. XX), em dois vasos provenientes respectivamente de El Pino de Tormes (Salamanca) e de Castillo de Carpio Bernardo (Salamanca) ⁽³¹⁾, e em recipientes provenientes de «areneros» dos arredores de Madrid (Est. XXI), alguns depositados no Instituto Arqueológico Municipal daquela cidade.

A decoração interior do bordo do vaso (uma linha em zig-zag) é comum a quase todos os vasos com decoração Boquique e excisa na Península. A organização decorativa em *estrela* de 7 pontas é mais rara, sendo, no entanto, conhecido um paralelo directo, o vaso citado de Las Cogotas (Est. XX), o qual, sendo maior e de perfil tronco-cónico acentuado, apresenta também uma estrela de 8 pontas em torno do seu pequeno fundo. Este tipo de organização decorativa também ocorre em vasos inéditos dos «areneros» de Madrid ⁽³²⁾.

De qualquer das formas, visto que o rio Douro pode ter constituído uma boa via de penetração destas cerâmicas até ao Noroeste, parece-nos que o paralelo mais nítido e mais próximo — o de Las Cogotas — indica *uma relação directa entre a ambiência do Sistema Central, curso médio do Douro e seus afluentes, com a estação do Tapado da Caldeira* ⁽³³⁾.

Estamos assim perante uma necrópole que reflecte no seu espólio cerâmico contributos de diversas origens, sendo de acentuar a junção na mesma estação e horizonte de formas de tradição local, meridional e da Meseta ⁽³⁴⁾. Além de ser interessante verificar, mais uma vez, a associação — cerâmica do tipo Cogotas I e cerâmica lisa carenada — é curioso frisar o carácter necessariamente *heterogéneo* das populações que ali tumularam os seus mortos se admitirmos a contemporaneidade das sepulturas estudadas.

Não transparece do espólio funerário a existência duma unidade cultural formada (cada vaso reflecte uma tradição diferente), o que pode indicar, por um lado, estarmos em presença de populações ainda não sufi-

⁽³⁰⁾ V. nota 8 p. 44, lám. XXI.

⁽³¹⁾ V. nota 11 fig. 1,1; fig. 2.

⁽³²⁾ Não está feita uma tipologia evolutiva deste tipo de formas cerâmicas, o que impede, obviamente uma integração cronológico-cultural mais precisa. Agradecemos a María del Carmesn Priego e Salvador Quero informações prestadas sobre os referidos vasos, aquando duma recente visita ao Instituto Arqueológico Municipal de Madrid.

⁽³³⁾ No Norte de Portugal, a cerâmica com técnica de Boquique, ainda que de feição local, encontra-se representada nos povoados de Malros e S. Lourenço (Chaves). Na Galiza, é conhecido um fragmento com técnica de Boquique em Covas, Ginzo de Limia (Orense) (A. Rodríguez Colmenero y G. Delibes de Castro, *Hallazgos prehistóricos en la Provincia de Orense, Cuadernos de Estudios Galegos*, 1973). Recentemente foram identificados alguns fragmentos desta cerâmica no litoral alentejano, num povoado do Bronze Final do Horizonte de Cerâmica com Ornatos Brunidos (v. Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, *Uma Jazida do Bronze Final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém), Setúbal Arqueológica*, Vol. IV, 1978). Os autores propõem para esta estação uma cronologia tardia adentro do Bronze Final — séculos VIII-VII a.C.

⁽³⁴⁾ O processo cultural que está implícito na heterogeneidade cerâmica não se terá dado subitamente, isto é, não parece viável que populações provenientes de áreas diversas tivessem acabado por tumular naquele local pouco tempo após a sua chegada. O que reflecte é uma *comunidade polimorfa* nas suas raízes e, possivelmente «itinerante» naquele território.

cientemente sedentarizadas naquele território, e, por outro, de populações que não haviam ainda adquirido uma identidade cultural própria.

Ponderando as cronologias conhecidas, quer as do horizonte de Cogotas I na Meseta Ocidental, quer as dos contextos cerâmicos inseríveis no Bronze Tardio do Baixo Tejo, nomeadamente a datação do Bronze Final de Baiões (S. Pedro do Sul), parece-nos que se poderá sugerir uma cronologia para a necrópole do Tapado da Caldeira, adentro de parâmetros amplos correspondentes aos sécs. VIII - VII a.C.

4.2.2 Na camada de terra que cobre a necrópole do Tapado da Caldeira existem, pelo menos, dois tipos de cerâmica que indicam, apesar de misturas e revolvimentos, duas ocupações aparentemente diferentes. Contudo, a cerâmica, em ambos os casos, ocorre tão fragmentada, e em tão pouca quantidade, que os comentários que se vão seguir não podem ter mais do que o valor de uma reflexão prévia.

— Em primeiro lugar vamo-nos referir aos fragmentos *campaniformes*.

Os pequenos fragmentos que temos em nosso poder dizem respeito a possíveis vasos acampanulados de bordo extrovertido direito, bem marcado e alto.

Temos quatro grandes grupos decorativos :

A — *grupo com decoração incisa, de tipo ou tradição Ciempozuelos* (Est. IX, 3; Est. XI, 5): 3 linhas incisivas paralelas, seguidas de 2 linhas em zig-zag, seguidas de linhas incisivas paralelas. Esta técnica e motivos bem se poderiam aproximar dos da decoração dum vaso de *Pago de la Pena* (Zamora) (Harrison, 1977 p. 163) ⁽⁵⁵⁾, ou da de fragmentos do povoado de *Ventorro* (Madrid) (Priego, 1976/77 Fig. 3, n.ºs 2, 3, 4) ou do povoado de *Quemadero* (Madrid) (Priego, 1976/77, Fig. 1,3) ⁽⁵⁶⁾.

B — *grupo com decoração a pontilhado (matriz de extremidade quadrangular) e puncionamento* (Est. X, 1; Est. XI, 2): 1 linha em zig-zag junto ao bordo, seguida de 3 linhas paralelas (matriz), seguida de linhas abliques (a punção), e 1 linha paralela (matriz). Trata-se, portanto de uma *decoração mista*, onde intervém o pontilhado (que se aproxima da técnica do campaniforme marítimo-internacional) e o puncionamento. Por outro lado, ocorre *um motivo em zig-zag*, que é um elemento desconhecido do campaniforme marítimo, pertencendo, juntamente com a técnica da incisão, ao *complexo Ciempozuelos-Palmela*. Esta associação, técnica de pontilhado e motivo em zig-zag, ocorre também na Galiza, num vaso proveniente de *Tecedeiras* (Pontevedra) ⁽⁵⁷⁾ e na própria *Serra da Aboboreira, Baião*, onde, num dólmen escavado, em 1979, por A. H. Bancelar Gonçalves, foram descobertos 2 fragmentos campaniformes possivelmente do mesmo vaso ⁽⁵⁸⁾.

⁽⁵⁵⁾ Richard J. Harrison, *The bell beaker cultures of Spain and Portugal*, 1977, fig. 70, n.º 1236.

⁽⁵⁶⁾ Maria del Carmen Priego e Salvador Quero, *Materiales Campaniformes del Instituto Arqueológico Municipal de Madrid, Setúbal Arqueológica*, II-III, 1976/77.

⁽⁵⁷⁾ Fermín Bouza Brey, Xosé Martínez López e Manuel Carlos Garcia Martínez, *Novos exemplares de cerâmica campaniforme na Galiza, Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Porto, 1974.

⁽⁵⁸⁾ Agradecemos a A. H. B. Gonçalves a possibilidade de análise sumária dos referidos fragmentos.

C — grupo com decoração a pontilhado (*matriz denteada pouco funda*) (Est. IX, 1; Est. X, 2; Est. XI, 3 e 4): linhas paralelas, alternadas com espaços reservados ⁽⁵⁹⁾.

D — grupo com decoração a punção (Est. XII, 1): ocorre esta decoração num vaso com perfil acampanulado, de fabrico tosco, que nos evoca uma tradução local, possivelmente tardia, do campaniforme marítimo.

Enfim, no seu conjunto, parece encontrarmo-nos perante vestígios dum *horizonte tardio do vaso campaniforme da Península*, confluindo nele tradições de origem diversa ⁽⁶⁰⁾. Não nos repugnaria, pois, ainda que a título de mera hipótese de trabalho, conceber uma *curta anterioridade da ocupação campaniforme* relativamente à necrópole do Bronze Final.

— Em segundo lugar, o vaso brunido com decoração espatulada (Est. XIV, 4) e o pequeno vaso de superfícies muito corroídas, com carena extremamente viva (Est. X, 3), parecem integrar-se numa ambiência do Bronze do Baixo Tejo nos seus prolongamentos para norte: a forma do segundo vaso ocorre com frequência em recipientes com ou sem decoração brunida; o tipo de colo e tratamento da superfície do primeiro sugerem o mesmo mundo cultural.

A juntar a estes elementos, as asas (Fig. Est. XV, 6; Est. XVI, 1 e 2) e os cordões sobre a pança (Est. XV, 1, 2, 3) como a própria base com «omphalus» (Est. X, 7) podem indicar uma ocupação genericamente da I. do Bronze.

Finalmente, o vaso do F4, (Est. XIII) pela sua forma fechada, acentuado estrangulamento no colo e pança muito globular, evoca formas cerâmicas tardias (Bronze Final/Ferro) relacionadas com o rito da incineração. Refira-se apenas o exemplo da sepultura II da necrópole de «La Joya» (Huelva) ⁽⁶¹⁾ onde ocorre uma urna cinerária tipologicamente idêntica ao vaso do F4, sendo incluída, pelos autores do seu estudo, no Bronze Final, transição para o Ferro (sec. VIII/VII a.C.) daquela área.

É evidente que, dada a diferença de contextos, esta aproximação tem apenas um valor geral tipológico. O vaso do Tapado da Caldeira ocorreu numa «bolsa» de terra humosa estéril, sem que seja possível determinar a sua função no conjunto da necrópole ou fora dela, pelo que a sua integração cultural continua em aberto. Cronologicamente apenas podemos afirmar a sua posterioridade relativamente à sepultura que forneceu um vaso do tipo do Bronze Final da Meseta.

⁽⁵⁹⁾ V., sobre vasos semelhantes da Galiza, Bouza Brey, Carro Otero e Garcia Martínez, *Excavación de túmulos dolménicos en San Andrés de Lousada (Lugo)*, *Not. Arq. Hisp., Prehistoria*, 2, 1973.

⁽⁶⁰⁾ Ainda que o Campaniforme de Ciempozuelos mais tardio se situe por volta de 1700-1600 a.C. (v nota 24, p. 12), recentes datações têm vindo a demonstrar o carácter recente de alguns conjuntos (como o de Somaén, Sória, e o de Cueva de la Vaquera, Segóvia), inseríveis no Bronze Pinai, e contemporâneos do início de Cogotas I (nota 24, p. 12).

O facto de, no Tapado da Caldeira, ter aparecido cerâmica campaniforme (possivelmente tardia), e um vaso com decoração Boquique e excisa, fará levantar a hipótese, ainda que meramente académica, de uma eventual evolução no local. Contudo, foi já apontado o carácter «alógeno» do vaso da sepultura III, além de não ter aparecido, até ao momento, nenhum outro fragmento deste tipo de cerâmica em toda a estação, e mesmo, na área circundante. Assim, e até prova em contrário, pensamos estar em presença de dois horizontes autónomos.

⁽⁶¹⁾ Juan Pedro G. Roiz e Elena O. Garcia, *Excavaciones en la necropolis de «La Joya» Huelva II*, EAE, 96, 1978.

4.2.3. Perto do Tapado da Caldeira, no *Alto da Caldeira* (Est. I), sondagens recentes revelaram muitas cerâmicas pré-históricas eventualmente relacionáveis com a estação agora estudada; a poucos metros para NE da necrópole estão em curso escavações que já detectaram vestígios de «habitat» pré-histórico: *fossas* e buracos de poste abertos no saibro.

Toda a área circundante é, pois, uma *extensa estação arqueológica* por explorar e compreender nas múltiplas possibilidades de *associação e relação espacial* que oferece.

Esperamos prosseguir esse estudo em 1981, na convicção de que se obterão, a médio prazo, dados de capital importância para o estudo da Pré-história recente do Noroeste Peninsular ⁽⁶²⁾.

⁽⁶²⁾ Agradecemos a Maria de Jesus Sanchez a feitura do desenho dos vasos das sepulturas III e IV e o do F4, além do parcial apoio técnico que prestou na composição da parte gráfica deste trabalho. Para os elementos do Geap e estudantes universitários que, ao longo de dois anos de campanhas de escavação, colaboraram nesta tarefa colectiva, o nosso sincero agradecimento.